

O CAFÉ DA GUIA

José de Azevedo



Correr as igrejas

Para a comunidade piscatória poveira, a quadra da Páscoa era uma época sagrada, carregada de um simbolismo muito peculiar. Vestia-se roupa nova, esfrega-se o soalho das casas com sabão amarelo para receber o Compasso, no almoço do domingo de Páscoa o "arroz de cabidela" era ementa obrigatória e na *segunda-feira do Anjo* ninguém ia à pesca. Chegada a Quaresma acatava-se o jejum, evitavam-se as cantorias, não havia ordem para tocar qualquer instrumento e as pessoas vestiam de escuro evitando cores garridas. Havia o mais profundo culto pela semana da Paixão.

A quaresma tinha (ainda hoje tem) um significado muito especial para a classe. Talvez pelo destemor e respeito pela vida, invocando a sua crença religiosa a cada instante nas suas frágeis embarcações, o certo é que o pescador da Póvoa, aquele que nasce, vive e pensa que pode morrer no mar, venera os "Santos Passos" e a "morte do Senhor" com uma fé inquestionável e grande respeito.

As cerimónias da Quaresma, que se realizam na Póvoa com sumptuosidade e extrema devoção, remontam ao ano de 1687, com origem na Ermida da Mata, onde hoje se situa a Igreja da Misericórdia. Aí se venerava Nossa Senhora do Rosário, de grande devoção do piloto-mor poveiro António Cardia e de sua filha Mónica Cardia.

Foi com o testamento desse oficial da Armada que as cerimónias da Semana-Santa se iniciaram, realizando-se desde essa data até os dias de hoje, sob a responsabilidade da Confraria do Santíssimo Sacramento, com assento na Igreja Matriz. Esse legado, obrigava as confrarias do "Santo Nome" e dos "Santos Passos", às seguintes cerimónias: *ofícios das trevas na quarta-feira de tarde que se acabam à hora das Trindades; e na quinta-feira seguinte se exporá o Santíssimo com o acatamento devido, e de tarde se fará o ofício acostumado; e na sexta-feira se fará também, como é costume nas igrejas e aqui com a Procissão do Enterro do Senhor; e no sábado se fará o ofício das Fontes com declaração de que na quinta-feira de todos os anos se fará o sermão da Paixão do Senhor pelas nove horas da noite.*

A Quinta-feira Santa, a Exaltação da Cruz, Procissão do Enterro do Senhor e os Santos Passos, eram inigualáveis manifestações de fé que atraíam à Póvoa (e ainda atraem) milhares de forasteiros.

De acordo com os assentos paroquiais do século dezoito, a *Festa dos Passos* (Procissão e arraial) custava uma pequena fortuna para a época. Vejamos os gastos no ano de 1724: *aluguer de máscaras, 560 reis; para os gaiteiros, 840 reis; um carro de lenha para a fogueira, 200 reis; gastos com os dançantes e com a rabeça da dança, 200 reis; tocar o tambor de guerra no dia da festa, 300 reis.*

Para a Póvoa de Varzim, e sobretudo para a sua colmeia piscatória, o período Pascal revelava-se tão inédito e rigoroso na prática do culto que os poveiros que se eximissem à *participação das despesas para a celebração da Quaresma, como o enfeite dos seis Passos existentes nas ruas da vila ou custeando os "anjinhos" para Majestosa Procissão do Senhor Morto, eram condenados por crime de perjúrio, multados ou privados de todas as regalias... salvo mandando Sua Majestade o contrário.*

Foi desta maneira, envolvendo e comprometendo a comunidade, que a Póvoa se assumiu como terra de grandes e arreadas tradições quaresmais. Vive-se a quadra Pascal com tal intensidade que nenhuma outra terra do litoral se lhe compara. Algumas cerimónias e tradições quaresmais, tanto religiosas como profanas, eram de tal forma grandiosas e singulares, que mais pareciam "saídas de uma outra liturgia". Tal como inventou leis comunitárias, o poveiro inventou igualmente facetas muito particulares – e populares – para comemorar a Ressurreição do Senhor. As cerimónias religiosas, o poveiro juntou-lhe

algumas tradições profanas como "O Jogo da pela", "A ida à hera" nos muros da Giesteira e Argivai, "Autos, Bailes e Cenas-representações ao vivo na Igreja da Misericórdia", "Serra-essa-velha", "Testamento do Judas", "O Passeio dos Bois da Páscoa", "Ir buscar a rosca (de trigo) ao Padrinho", "As danças e cantares no fim-de-tarde do Domingo de Páscoa", e "Ida ao Anjo", na segunda feira seguinte, fazendo da quadra de Páscoa, não só tempo de oração e de reflexão, como uma festa de família, alegre e colorida.

Correr as igrejas

Dentro do programa das cerimónias da Semana Santa, destaca particularmente a noite de quinta-feira, noite de visita às nove igrejas da Póvoa, peregrinação caseira a que o povo crismou desde sempre como a "noite de correr as igrejas". Adaptando as características próprias da sua comunidade, os templos poveiros abrem ao fim da tarde as suas portas para apresentar quadros bíblicos ou bonitos arranjos de flores em devoção ao Santíssimo Sacramento. Não sei se outra terra faz algo semelhante. O que se faz na Póvoa é um hino à criatividade, arte e imaginação. Um testemunho de fé cristã de grande dimensão, a servir de exemplo nos tempos de hoje, quando a Igreja Católica vê "fugir" muitos dos seus seguidores.



Aspecto de uma "Serra-essa-velha"
(Foto de Neca Morim)

Todos os templos (salvo uma ou outra excepção ocasional) encenam Passos do Calvário ou mensagens alusivas à palavra do Divino Mestre. A Igreja da Lapa, lembrando a "Barca do Senhor", a Misericórdia "O Jardim das Oliveiras", a igreja das Dores "O Calvário", São José e Matriz, mostrando paramentos e objectos de culto com artísticos arranjos florais, Desterro e Coração de Jesus, com arranjos no altar-mór e São Tiago, com a "Crucificação". Fugindo ao tradicional, a Capela do Bonfim apresenta, ao vivo, cenas da vida do Senhor.

Sou um apaixonado pelos quadros vivos da Capela do Bonfim tal como milhares de crentes que a visitam. A partir do início dos anos oitenta, um grupo de residentes nos bairros da Matriz e Nova Sintra, resolveram (em boa hora) transformar os quadros bíblicos (estáticos) em encenações vivas. Cenas da Vida da Paixão do Senhor com interpretações ingénuas, muito amadoras, todas elas glorificando o martírio de Jesus, oferecendo o drama do Calvário como tema de oração e reflexão para quem segue os evangelhos. Tal como diria o Bispo D. Joaquim Gonçalves, "a fé não pode ser peça de museu; a igreja deverá ser viva e dinâmica". Manuel Leite, José Maria Lomba, Luís Leal, Iva Neiva e alguns outros "ensaiadores", interpretaram da melhor maneira a ideia de uma "igreja viva e de um Deus vivo". Arranjaram um grupo de artistas amadores e resuscitaram na noite de Quinta-Feira Santa muitos dos Autos ou Cenas apresentadas na Igreja da Misericórdia nos séculos

dezoito e dezanove. Estava ali a vida de Cristo com música de Frei Hermano da Câmara, guarda-roupa da época e efeitos ajustados. Estava ali Pilatos, Herodes, Barrabás, Maria Madalena, Jesus e os soldados romanos com sotaque poveiro. O povo orava e interpretava o significado daqueles quadros bíblicos ao vivo, tendo como cenário as muralhas de Jerusalém. Tudo muito simples e primitivo, para que toda a gente entendesse a mensagem do Salvador.

O povo acorre em grande número e enche repetidas vezes a capela, entusiasmando-se com as representações e identificando os seus personagens. O povo chora ao ver os "algozes do Senhor" – o bom e o mau ladrão, a tragédia do Calvário e a contemplação de Maria Madalena. Há quem repita a "cena" conferindo as personagens de acordo com a doutrina que lhes foi ensinada. Gente simples que interpreta à sua maneira, aquelas cenas teatrais, emprestando-lhe um toque de inocência e, ao mesmo tempo, de humor.

É uma pena não haver um documentário televisivo ou registado municipal destes quadros para memória futura.

Serra-essa-velha

Das tradições profanas recordo com saudade (hoje, quase não se faz...) a *serra-essa-velha*. Costume curioso, vivido pela rapaziada espigadota do meu tempo, a meio da Quaresma. Depois de um estudo prévio da população mais idosa das redondezas, um grupo de rapazes, geralmente com a cara enfarruscada como disfarce, dava uma volta pelas casas da vizinhança galhofando com a vida privada das simpáticas velhinhas lá residentes, geralmente com fama de rezingonas e pouco sociáveis. Segundo o "chefe da seita", a escolhida tinha no seu currículo algum "defeitozinho". Quatro rapazes, os mais entroncados, suportavam uma *carrela* (padiola), transportando em cima um comparsa galhofeiro e atrevido que, fantasiado e acompanhado de um serrote e um pedaço de madeira, entoava quadras espirituosas alusivas à vítima, enquanto fingia que serrava. Uma crítica de costumes ao jeito de "cantigas de maldizer".

A finalidade da farsa era lembrar que a "visada" estava na idade de descansar, não se preocupar com a vida alheia, gozar a idade com boa mesa e boa cama e que os filhos tinham a obrigação de a tratar bem.

Além do solista (que suportava a ira, e muitas vezes a va-soura – entre outras coisas menos simpáticas – da visada) havia um grupo de acompanhantes que utilizava os mais variados "instrumentos": tachos, reco-reco, ferrinhos, pinhas, bombo, castanholas e outros.

Eis um exemplo, ao acaso, uma *serra-essa-velha*, recordando os anos cinquenta:

A Tia Parracha
Vai á loja às pinhas
Só para saber
A vida das vizinhas

Coro
Serra-essa-velha
Em cima dum acha
Quem vai a serrar
É a Tia Parracha.

Claro que o "cortejo" nem sempre era bem recebido. Vi, algumas vezes, o rapazio a fugir, a sete pés, perseguido pela família da "vítima", deixando a *carrela* para trás. Também presenciei a *serra-essa-velha* a ser bem-vinda, com o refrão entoado por toda a família e com a visada a "ajudar à missa" com tiradas bem humoradas a propósito.

N. A.: Na última crónica sobre "Jogos", saiu São Ciro, quando queria dizer San Siro.

S
COELHOS
SEGUROS

MEIO SÉCULO DE EXPERIÊNCIA
SEMPRE PERTO DE SI...

Avenida Mouzinho de Albuquerque, 44 - R/C • 4490-409 Póvoa de Varzim • Tel.: +351 252 298 070 • Fax: +351 252 298 071

Agente principal **Z** ZURICH